



## **PAI SIMBÓLICO E REAL: A LEI, A FORÇA E O DIRECIONAMENTO PARA A VIDA**

**Ana Maria Crepaldi Chiqueiri**

### **RESUMO**

A vivência sugere entrar em contato com a “imagem simbólica”, que é restauradora e faz parte da energia primária. A vivência proporciona essa restauração. A energia primária existe desde antes da encarnação, fazendo parte desse projeto de vida. Então, a imagem simbólica está contida na concepção. A imagem simbólica e o impulso primário são dois aspectos do mesmo conceito. A imagem simbólica precisa de energia orgânica contida no impulso primário para se encarnar. Inversamente, o impulso primário contém a imagem simbólica, que lhe confere sentido, significado e direção. Uma e outra são necessárias para todo ato criativo que se encarna. O útero é uma mãe simbólica. No nascimento, a mãe é uma pessoa para o bebê, e quando ele reclama, balbucia, ele está pedindo uma mãe simbólica, a do útero, que é o que ele conhece a princípio. Depois, aos poucos, ele reconhece sua mãe, mas vive e viverá no simbólico e no real; entre as duas imagens haverá o imaginário que supre a distância entre o simbólico e o real. O imaginário é o retorno do simbólico sobre o real. O mundo simbólico é inconsciente, representa e garante a nossa encarnação, nosso princípio de vida, dando suporte às necessidades fundamentais. A entrada do pai na relação fusional mãe/criança, protege e direciona para a força, para fora, a sair da fusão. A energia masculina traz e dá suporte à estrutura, à organização, à orientação, à lei e ao direcionamento para a vida. Esses conceitos fazem parte da abordagem da Análise Psico-orgânica e foram estabelecidos por Paul Boyesen. A vivência poderá reavivar o núcleo energético criador, nutrindo o nosso Ser.

**Palavras-chave:** Análise psico-orgânica. Energia restauradora. Pai simbólico e real.

.....

A teoria e a prática da Análise Psico-orgânica incluem a experiência das terapias psicocorporais e da psicanálise, dando corpo às palavras, permitindo ao corpo falar, numa dimensão transdisciplinar e não somente colocando corpo e palavra um ao lado da outra.

A formação de psicoterapeutas, neste momento, não pode desconsiderar os mais de 100 anos da história da psicoterapia, com os nomes de Freud, Reich e outros.

Estabelecendo um paralelo entre Freud e Reich, poderíamos concluir que enquanto o primeiro dá sentido à experiência inconsciente do homem, Reich dá sentido à energia sexual, indo, portanto, mais longe, ao explorar as



CHQUIERI, Ana Maria Crepaldi. Pai simbólico e real: a lei, a força e o direcionamento para a vida. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XV, X, 2010. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2010. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-18-7]. Disponível em: [www.centroreichiano.com.br/artigos](http://www.centroreichiano.com.br/artigos). Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

zonas instintivas do ser humano. Para proteger a organização social do homem, Freud criou a lei do Édipo; Reich erigiu a sexualidade em lei. Aquele cria uma proibição, ao passo que este cria uma permissão, o que é paradoxal, uma vez que precisamos manter as duas coisas.

Assim, a Análise Psico-orgânica mantém voluntariamente a herança dos dois teóricos: separar-se de Freud seria expor-se a extravasamentos improdutivos e ilusórios; abster-se de Reich seria obrigar o homem a resignar-se a uma lei arbitrária, distanciando-o para sempre do paraíso perdido.

A vivência propõe estabelecer o contato com a imagem simbólica, podendo restaurar parte da energia primária. Digo parte, pois, a cada movimento introspectivo e efetivo, restaura e alivia os bloqueios energéticos psicossomáticos. A imagem simbólica e o impulso primário são dois aspectos do mesmo conceito. A imagem simbólica precisa de energia orgânica contida no impulso primário para se encarnar. Inversamente, o impulso primário contém a imagem simbólica, que lhe confere sentido, significado e direção. Uma e outra são necessárias para todo ato criativo que se encarna.

Como a vivência sugere o trabalho simbólico, é de extrema relevância e de preciosa colaboração, um breve estudo do sentido da palavra simbólico, como ela é entendida e empregada por C.G. Jung, J. Lacan e, finalmente, como objeto do nosso estudo vivencial, a teoria de P.C. Boyesen. Para tal reflexão, Yves Brault resumiu assim a colaboração desses teóricos.

Para Jung, a palavra **simbólico** faz referência a um sentido e a uma organização ocultos do mundo que revelam os mitos, os contos, os sonhos, sob uma forma às vezes misteriosa. Em última instância, essa organização do mundo está estruturada pelos arquétipos. Para Lacan, o simbólico, oposto ao imaginário e ao real (na tríade **real, imaginário, simbólico**) representa a ordem propriamente humana, essencialmente estruturada pela linguagem (lembrar a célebre frase de Lacan: “O inconsciente está estruturado como a linguagem”). Essa ordem do simbólico se apresenta ao filho do homem como um todo no qual não há outra escolha senão entrar submetendo-se a ele, a menos que prefira a loucura. (BRAULT, 1994. *In*: Manuel d’enseignement de l’EFAPO, p. 137)

Como diz Boyesen, só se utiliza a palavra simbólico na expressão “imagem simbólica”, ou seja, o que está no início, antes de qualquer encarnação, assim como o código genético de uma planta, o que está inscrito



CHIQUEIRI, Ana Maria Crepaldi. Pai simbólico e real: a lei, a força e o direcionamento para a vida. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XV, X, 2010. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2010. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-18-7]. Disponível em: [www.centroreichiano.com.br/artigos](http://www.centroreichiano.com.br/artigos). Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

em sua semente. A imagem simbólica é, então, aquilo que programamos, o que nós procuramos encarnar, conforme nossos projetos de vida. Portanto, o útero é como uma mãe simbólica. No nascimento, a mãe é uma pessoa para o bebê, e quando ele reclama, ele está pedindo uma mãe simbólica, a do útero, que é o que ele conhece a princípio. Aos poucos, depois, ele reconhece sua mãe, mas vive e viverá no simbólico e no real; entre as duas imagens haverá o imaginário que supre a distância entre o simbólico e o real. O imaginário é o retorno do simbólico sobre o real. O mundo simbólico é inconsciente, representa e garante a nossa encarnação, nosso princípio de vida, dando suporte às necessidades fundamentais de cada ser. O simbólico é de cada ser, não adianta buscar no outro.

O Pai real é aquele que representa a lei, que ajuda na estrutura e estabelece o limite. A entrada do pai na relação fusional, mãe/criança, protege e ajuda a criança a sair dessa fusão, e este corte fusional a impulsiona em direção à confrontação, e esta começa a experimentar esse limite, apoio e aceitação do que é necessário para o jogo da vida. É a energia masculina que traz este direcionamento e proporciona para a criança o apoio, a confrontação e o limite.

Na vivência, pai simbólico e real: a lei, a força e o direcionamento para a vida, deverá, no final, pedir que cada participante busque um símbolo para o pai simbólico e coloque na mão direita, e na esquerda, o símbolo do pai real, enlaçando, por fim, suas mãos e deixando vir outro símbolo da união do pai simbólico com o pai real.

Entende-se por símbolo uma imagem que encerra inúmeros significados e que vão muito além da sua imediata representação. Surgem do inconsciente e, em princípio, são desconhecidos pelo indivíduo. O símbolo é portador de significados entre consciência e inconsciente. Através da imagem concreta, ele traz algo de apreensível pela consciência, mesmo encobrindo algum conteúdo do inconsciente. A realidade psíquica é carregada de imagens primordiais, a única realidade direta vivenciada pela psique. O símbolo contém um significado coletivo e um sentido individual. O primeiro é objetivo, referente ao próprio inconsciente coletivo. O sentido individual é subjetivo e tem uma representação



CHIQUEIRI, Ana Maria Crepaldi. Pai simbólico e real: a lei, a força e o direcionamento para a vida. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XV, X, 2010. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2010. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-18-7]. Disponível em: [www.centroreichiano.com.br/artigos](http://www.centroreichiano.com.br/artigos). Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

para o sujeito, própria do Ego e da consciência. Portanto, o símbolo integra forma, sentido e significado.

Ao vivenciar nossos sentimentos, expressando-os nas situações, criamos novos códigos perceptivos e, conseqüentemente, compreendemos nossa reação ao mundo que nos circunda. Essa circulação energética da micro e da macrorregulação psicossomática beneficiará o nosso ser.

Quando uma pessoa assume a responsabilidade pelos seus sentimentos, assume também responsabilidade por seu mundo. Assim, ao nos envolvermos com os nossos sentimentos, temos uma das chaves para o domínio de nós mesmos.

.....

## REFERÊNCIAS

BOYESEN, Paul. L'analyse psycho-organique. In: **Manuel d'enseignement de l'école française d'analyse psycho-organique**. Tome 1. 2. ed. EFAPO.1994, p. 11-30.

BRAULT, Yves. L'espace symbolique. In: **Manuel d'enseignement de l'école française d'analyse psycho-organique**. 2a ed. EFAPO.1994, Tome 1, p. 124-137.

SACHARNY, Silvana. **Seminário Rio I: O pai simbólico, o pai real**. 2000.

.....

## AUTORA

**Ana Maria Crepaldi Chiquieri/RJ** - Terapeuta corporal em Análise Psico-orgânica, formada pelo Centro Brasileiro de Formação em Análise Psico-orgânica (CEBRAFAPO) em parceria com a Escola Francesa de Análise Psico-orgânica (EFAPO), Pedagoga, Economista Doméstica, Professora Assistente da UFRRJ/IE/DTPE e Mestre em Educação Ambiental.

**E-mail:** [anachiq@terra.com.br](mailto:anachiq@terra.com.br)